

humanitas

Vol. LVII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVII • MMV



SUETÓNIO E DRAMA: DA TRAGÉDIA AO MIMO

JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO
Universidade de Coimbra

Abstract: This paper explores the influence of drama in Suetonius' *De Vita Caesarum*. On one hand, Suetonius' biographic technique permits to relate his writing to the notion of "tragic history". We can find in *Lives* tragic characteristics, in the way of Aristotelian theorization or tragic tradition and a progression towards an outcome. On the other hand Suetonius makes use of comic deformation and several passages seem to reveal mime's influence. So it is also possible that some narratives have been transposed by Suetonius sources from dramatic plots or have suffered a contamination process.

*

História e tragédia aparecem frequentemente associadas, a despeito da distinção estabelecida por Aristóteles¹. Há composições trágicas baseadas em figuras históricas e há narrativas históricas que parecem ter origem em representações dramáticas de determinados eventos². Se se fala da presença da "história trágica", de influência helenística e romana, em Tácito³ e em Plutarco⁴, também, com as devidas reservas impostas

¹ A distinção aristotélica (*Poet.* 1451a 36-1451b 11) — em que a história trata do particular e a poesia do geral; a história do que aconteceu e a poesia do que poderia ter acontecido — é, geralmente, desrespeitada pelos historiadores, que preferem seguir a orientação de Isócrates, como demonstra ULLMAN, B. L. 1942, 25-53.

² Uma fonte importante será a *fabula praetexta*. Vide WISEMAN, T. P. 1978, 1-16.

³ Vide FOUCHER, A. 2000, 773-801; MALISSARD, A. 1990, 213-222.

⁴ Vide TAGLIASACHI, A. M. 1960, 125-142.

pelo estilo, é possível encontrar esse conceito no texto de Suetónio. Além de figurarem nas *Vidas* diversas citações trágicas, certos episódios dos *Césares* assumem enredos ou características da tragédia.

Suetónio não tem como objectivo principal uma indagação rigorosa dos factos históricos, com as suas causas e consequências, mas, tal como Plutarco, apresenta um processo de construção de uma personalidade que se destaca do género histórico-narrativo para se aproximar de uma espécie de representação dramática da vida humana⁵. O biógrafo, como veremos, distorce frequentemente os factos - pelo modo como os ordena, pelo momento em que os introduz, pela generalização ou simples omissão - de forma a obter uma selecção de exemplos (acções e palavras) coerente com o carácter do biografado.

O género biográfico tem em comum com a tragédia o facto de representar as acções de grandes homens⁶. A construção da biografia suetoniana, em redor do seu núcleo substancial, confere-lhe a característica unidade de acção⁷, não pelo facto de se tratar de uma só pessoa, como nota Aristóteles⁸, mas porque o biógrafo selecciona os factos em função da imagem do César que quer transmitir e omite até acontecimentos importantes (sobretudo quando o biografado não participa directamente nessa acção) na procura de delinear um percurso definido em vista de um fim.

A biografia, enquanto imitação da vida, pode relacionar-se com o conceito aristotélico de mimese, não dos homens em si, mas da *praxis*, isto é dos homens em acção. É por intermédio das acções que os homens recebem os caracteres que os levam à felicidade ou infelicidade⁹. Se tomarmos em conta que, segundo Aristóteles, é mais trágica a passagem

⁵ Como afirma, a propósito de Plutarco, TAGLIASACHI, A. M. 1960, 131-132.

⁶ Cf. Aristóteles, *Po.* 1449b 9-10. Como diz FOUCHER, A. 2000, 777, «Or la tragédie est aussi la représentation des actions des grands hommes, dans une forme littéraire qui revêt la même unité que la biographie, laquelle fédère une pluralité d'événements».

⁷ A única recomendada por Aristóteles, *Po.* 1450a 24ss; 1451a 16ss; 1459a 17ss; vide TAGLIASACHI, A. M. 1960, 134-135.

⁸ *Po.* 1451a 16-17.

⁹ Cf. Aristóteles, *Po.* 1450b 3-4; 1454a 16-20; 33-36. Vide FIALHO, M. C. 1977, 381-385.

da felicidade ao infortúnio¹⁰, vários são os exemplos em que a acção dos protagonistas das *Vidas* os conduz à ruína. Mas, em Suetónio, a ruína parece ser resultado, em grande parte, de uma culpa pessoal¹¹, não tanto no sentido aristotélico de *hamartia*¹², mas de vício caracterológico. Apesar das virtudes enumeradas, César é *iure caesus* porque demonstrou repetidamente que ambicionava *honores nimii*¹³; Calígula é assassinado porque, com os seus actos, se tornara o monstro insuportável para os súbditos, dado o seu delírio báquico¹⁴; Nero é destituído pelo *terrarum orbis* por causa das acções, consideradas *probra* e *scelera* (*Nero* 19.3), que fazem dele um histrião criminoso, e é obrigado ao suicídio por uma necessidade que não compreende¹⁵; os actos de crueldade e de avareza de Galba ofendem todas as ordens¹⁶, e, em particular, o facto de não conceder o donativo às tropas precipita a sua morte (*Gal.* 17); Domiciano, de cruel e rapace, torna-se odioso e é suprimido¹⁷. Vitélio é conduzido ao seu destino pelos actos de gula e de crueldade gratuita. Tito, pelo contrário, morre cedo sem que as suas acções o justifiquem. Mas ele próprio admite que tem

¹⁰ Cf. Aristóteles, *Po.* 1453a 24ss

¹¹ Segundo TAGLIASACHI, A. M. 1960, 138-141, o conceito de culpa moral ocorre em Plutarco e é justificado por alguns exemplos da tragédia ática, por exemplo, Ésquilo.

¹² *Po.* 1453a 3-12. Mas FIALHO, M. C. 1977, 384, nota que a identificação de *hamartia* com culpa se deve sobretudo aos autores cristãos que a traduzem por *peccatum*.

¹³ *Jul.* 76.1: *Praegrauant tamen cetera facta dictaque eius ut et abusus dominatione et iure caesus existimetur. Non enim honores modo nimios recepit: continuum consuatum, perpetuam dictaturam praefecturamque morum, insuper praenomen Imperatoris, cognomen Patris patriae, statuam inter reges, suggestum in orchestra; sed et ampliora etiam humano fastigio decerni sibi passus est: sedem auream in cura et pró tribunali, tensam et ferculum circensi pompa, templa, aras, simulacra iuxta deos, puluinar, flaminem, lupercos, appellationem mensis e suo nomine; ac nullos non honores ad libidinem cepit et dedit.*

¹⁴ *Cal.* 56.1: *Ita bacchantem atque grassantem non defuit plerisque animus adoriri.*

¹⁵ *Nero* 40.1: *talem principem paulo minus quattuordecim annos perpessus terrarum orbis tandem destituit.*

¹⁶ *Gal.* 16.1: *Per haec prope uniuersis ordinibus offensis uel praecipua flagrabat inuidia apud milites.*

¹⁷ *Dom.* 14.1: *Per haec terribilis cunctis et inuisus, tandem oppressus est <...> amicorum libertorumque intimorum simul et uxoris.*

uma culpa, que seria a única; os actos de crueldade durante a corregência do pai parecem ter sido expiados com a posterior clemência exemplar.

Um processo de tornar acções isoladas representativas de caracteres é a generalização: os exemplos são numerosos, pois o biógrafo tende a transformar em comportamento habitual de um César algo que aconteceu pontualmente¹⁸. Generaliza, quando afirma que os reis aliados fundaram *et singuli in suo quisque regno* cidades com o nome de Cesareia¹⁹, o que aumenta a popularidade de Augusto. O efeito contrário visa empolgar os *uelut exemplaria saeuittiae* de Tibério. Suetónio assume, desde logo, que *singillatim crudeliter facta eius exsequi longum est* (Tib. 61.2)²⁰. Emblemático é o caso da violação das virgens: tem maior impacto atribuir genericamente a *immaturae puellae* (Tib. 61.5) a violação pelo carrasco antes da execução, para contornar o costume (*quia more tradito nefas esset uirgines strangulari*), facto que só terá acontecido com a filha de Sejano²¹. De modo

¹⁸ Vide TOWNEND, G. B. 1967, 87; BALDWIN, B. 1983, 256-257; GASCOU, J. 1984, 450-456.

¹⁹ Aug. 60. Além disso, não se trata propriamente de fundação, mas, na sua maior parte, de mudança de nome. Vide GASCOU, J. 1984, 232-235.

²⁰ Transforma casos particulares em gerais, quando se refere à execução de condenados no primeiro dia do ano e aos filhos que acusam os pais (Tib. 61.2), quando só se conhece um caso para cada situação: Tácito, *Ann.* 4.70.1, diz que Tito Sabino, amigo de Germânico, foi acusado e executado nas calendas de 28, e, em *Ann.* 4.28.1, informa que Víbio Sereno teve como acusador o filho do mesmo nome. Mistura o tratamento da destruição das obras de um poeta e de um historiador, ao atribuir à pena a agravante de já serem escritos conhecidos de Augusto (Tib. 61.3); mas, tratando-se de Mamerco Escauro (cf. Tácito, *Ann.* 6.29.3, e Díon Cássio, 58.24.3-5) e Cremúcio Cordo (cf. Tácito, *Ann.* 4.34-35), só as do segundo eram conhecidas daquele imperador (cf. Díon Cássio, 57.24.3). Considera numa amálgama as notícias sobre condenados que se suicidaram, se feriram ou se envenenaram e foram conduzidos para a prisão ainda palpitantes (Tib. 61.4) – situações diferentes entre si, que GASCOU, J. 1984, 452-456, procura destrinçar. Os cúmplices de Sejano suicidaram-se em 31, mas não foram impedidos de morrer (Díon, 58.15.1-2.), nem arrastados para a prisão. Quanto aos suicídios no senado, Vibuleno Agripa bebeu veneno em plena Cúria, em 36, foi conduzido à prisão, e o suplício foi ainda infligido ao cadáver (Tácito, *Ann.* 6.40.1; Díon Cássio, 58.21.4); Albucila feriu-se ligeiramente e foi conduzida à prisão (Tácito *Ann.* 6.48.4). Os dois últimos são factos únicos que Suetónio generaliza.

²¹ Cf. Tácito, *Ann.* 5.9.2; Díon Cássio, 58.11.5.

semelhante, tem mais força dizer que Nero manda retirar (e lançar às latrinas) as estátuas de todos os vencedores de jogos²². Com o mesmo intuito, em Galba, Suetónio estende a *quidam clari ex utroque ordine* a condenação à mínima suspeita e sem ouvir os réus (Gal. 14.3)²³.

Está implícito o âmbito do género biográfico e a forma como Suetónio organiza o seu material. O biógrafo não se mostra escravo dos factos históricos, antes os instrumentaliza ao serviço da mensagem: a ilustração do carácter de cada imperador. Um facto único, se significativo, pode valer por muitos e, na linha da introdução à vida de Alexandre de Plutarco, é importante para definir o carácter de um imperador. A generalização constitui uma forma de Suetónio transformar em geral (*mos*) o que é particular (*factum*): qualquer acto, por accidental que seja, é manifestação da essência do indivíduo. E o biógrafo define o carácter com base nas virtudes romanas do *mos maiorum* e dos vícios a elas opostos. Neste sentido, por influência da mentalidade romana, estabelece-se uma ligação entre o discurso intrinsecamente moralizador, que acentua virtudes e vícios, e o fim que Aristóteles atribuía à representação trágica — *katharsis pathematon*.²⁴

Por outro lado, a dimensão ética prevalece sobre a cronologia, o que leva à alteração frequente da ordem dos acontecimentos. Por exemplo, ao colocar a morte de Agripina antes da formação do trio amoroso que ligou Nero, Popeia Sabina e Otão, que termina com o afastamento do último para a Lusitânia (Otho 3), Suetónio pode acentuar a ligação a Nero, tornando Otão cúmplice do famoso matricídio²⁵. Desobrigado de narrar os acontecimentos no momento próprio, o biógrafo pode associar acontecimentos que tiveram lugar em momentos diversos. Deste modo, associa o relato de que César sonhou que violava a mãe (Jul.7.2) à notícia de que ele chorou junto à estátua de Alexandre em Gades, pelo facto de não ter realizado nada de grandioso, quando, com a mesma idade, o macedónio já tinha conquistado o mundo (Jul.7.1) — anedotas que, em

²² Nero 24.1. Díon Cássio, 63.8.5, só refere a mutilação das estátuas do citaredo Pâmenes.

²³ O que só aconteceu com Cingónio Varrão e Petrónio Turpiliano: cf. Tácito, *Hist.* 1.61.

²⁴ Como afirma FOUCHER, A. 2000, 778.

²⁵ Mas em Tácito, *Ann.* 14.1-2, a ligação de Nero com Popeia é anterior à morte de Agripina, que terá acontecido quando Otão já estava na Lusitânia.

Plutarco, figuram em momentos diferentes e sem ligação entre si²⁶. Ao privilegiar o tratamento *per species*, Suetónio trata em conjunto os destinos das duas Júlias, a filha e a neta de Augusto, e ainda o de Agripa Póstumo, o que contribui para acentuar a imagem de um pai infeliz, vítima da má Fortuna, que lhe frustrou a alegria e a esperança na descendência e na disciplina da sua casa²⁷, pois que, além de lhe arrebatara Gaio e Lúcio, o marcava com um flagelo mais terrível, para Augusto, que a morte: a infâmia na própria família²⁸. Mas o contrário também é válido: separa-se informação que devia aparecer junta, para a apresentar no momento em que terá maior efeito na caracterização da personagem²⁹.

²⁶ Plutarco, *Caes.* 11.5, situa (tal, como Dion Cássio, 37.52.2) a comparação com Alexandre durante a pretura (Suetónio coloca-a durante a questura, o que é mais compatível com a idade de Alexandre: 30 anos), vagamente na Ibéria, sem referir o templo de Hércules; e o pranto de César resulta da leitura de uma história de Alexandre e não da visão da estátua. Por outro lado, é bem mais à frente que situa o sonho da violação da mãe (*Caes.* 32.9), na noite anterior à passagem do Rubicão.

²⁷ *Aug.* 65.1: *Sed laetum eum atque fidem et subole et disciplina domus Fortuna destituit.....*

²⁸ *Aug.* 65.2: *Aliquando autem patientius mortem quam dedecora suorum tulit.*

²⁹ Por exemplo, Suetónio divide a narrativa da revolta do exército da Germânia entre a *Vida* de Galba (*Gal.* 16.2) e a de Vitélio (*Vit.* 8.1) e transmite em cada *Vida* o que diz exclusivamente respeito ao biografado: no primeiro caso, a rejeição do imperador eleito na Hispânia; no segundo, a aclamação burlesca do imperador favorito deste exército. Separa a informação do favorecimento de Méteo Pompusiano, dotado de um horóscopo que lhe prognosticava o império, para que ele se lembrasse da mercê (*Ves.* 15), da que se refere à sua execução por Domiciano (*Dom.* 10.3), embora fosse matéria que já devia circular num só relato (pois em conjunto a apresenta Dion Cássio, 67.12.2-4, e em conjunto deveria circular em fontes posteriores à morte de Domiciano; vide GASCOU, J. 1984, 326-328): a primeira parte é usada para encarecer a *clementia* de Vespasiano e a segunda, para acentuar a *saeuitia* de Domiciano. Separa também (Segundo sugere AMBROSIO, F. G. D' 1980 [1982], 238-239) a nota sobre a capacidade de Tito de imitar grafias alheias (cf. *Tit.* 3.2) da acusação que Domiciano lhe move de falsificar o testamento do pai (*Dom.* 2.3), — informações que não figuram em mais nenhum autor — para não denegrir o nome de Tito. Ora, se tal for verdade, o biógrafo usa em abono de Tito uma informação que lhe seria altamente desfavorável: a primeira nota entra no elenco dos variados dotes de Tito; a segunda, separada, torna-se pura calúnia, indiciadora do ódio de Domiciano ao irmão.

Em vez da ordem cronológica, o biógrafo procura apresentar os factos em gradações ascendentes ou descendentes que acentuam ou atenuam determinado traço num imperador³⁰. Ao optar pela ordenação a que Gascou chama "intensiva"³¹, o biógrafo estabelece uma progressão em vista de um fim. O final de cada ciclo de *Vidas* tende para a catástrofe, constituída, no ciclo dos Júlio-cláudios, pela *Vida* de Nero; no dos três imperadores efémeros de 69, pela *Vida* de Vitélio; e, no dos Flávios, pela *Vida* de Domiciano.

A gradação é visível sobretudo nas *Vidas* de Tibério e de Domiciano, nas quais se sugere uma gradual progressão para o mal. Para os antigos, o carácter é imutável: o que muda é o comportamento. Assim, a evolução corresponde a um "retirar da máscara". É o revelar do *ethos* que já estava latente. Os maus imperadores (Tibério, Calígula, Nero, Domiciano) comportam-se, no início do governo, como verdadeiros actores, na mira de atrair o favor dos súbditos. Em Tibério o *princeps* vai-se manifestando gradualmente³², embora mais inclinado, a princípio, *ad utilitates publicas*. A dada altura, as boas realizações de Tibério (*Tib.* 26-40), passam a ser vistas como virtudes simuladas, não mais do que o *impudentissimus mimus* de que fala o biógrafo, a propósito da sua hesitação e falsa modéstia na assunção do império (*Tib.* 24.1). É com a partida para a ilha de Cápreas que Tibério revela a sua verdadeira natureza e dá largas aos *uitia male diu dissimulata* (*Tib.* 42.1)³³. A benevolência que anteriormente granjeara ficara a dever-se à simulação da *moderatio*³⁴; só quem o conhecia bem, como o mestre de retórica, se podia aperceber da sua *saeua ac lenta*

³⁰ CIZEK, E. 1977, 118-134, ilustra o processo nas *Vidas dos Césares*, à excepção da *Vida* de Cláudio, de Vespasiano e Domiciano, nas quais não encontra gradações, mas antes uma narrativa linear. Quanto à *Vida* de Tito põe em relevo a gradação descendente dos vícios.

³¹ Vide GASCOU, J. 1984, 414.

³² *Tib.* 33.1: *Paulatim principem exercuit praestititque etsi uarium diu...*

³³ O relato das torpezas de Tibério em Cápreas é acentuado com a *turpior infamia* do caso dos *pueri primae teneritudinis* e a narrativa da pederastia é coroada com o crime duplo da violação do *minister* do sacrifício e seu irmão, a quem são ainda quebradas as pernas (*Tib.* 44).

³⁴ *Tib.* 57.1: *... cum adhuc fauorem hominum moderationis simulatione captaret.* Cláudio, pelo contrário, tenta fazer crer que a sua *stultitia* era simulada, mas não consegue persuadir ninguém (*Cl.* 38.2).

natura. Fica sugerida uma revelação do carácter, em termos cronológicos, sublinhada pela expressão: *procedente mox tempore*³⁵.

Na *Vida* de Domiciano, encontramos expressa uma evolução cronológica semelhante à de Tibério, uma mudança de atitude em determinado momento da vida. No início, simula *modestia* e um gosto pela poesia que o futuro não irá corroborar³⁶. Suetónio coloca a tónica na mudança progressiva de atitude e, desde logo, ao introduzir a narrativa do período bom, faz saber que, na administração do Império, se mostra, durante muito tempo, inconstante, até cair nos vícios da rapina e da crueldade, devido à carência e ao medo (*Dom.* 3.2). Se *inter initia* Domiciano tinha horror ao sangue e não dava lugar a suspeitas de *cupiditas* e *avaritia*, quer como *priuatus*, quer *aliquamdiu* como imperador (*Dom.* 9.1), mais tarde não manteve nem a *clementia* nem a *abstinentia*, mas descambou mais rapidamente para a *saeuitia* do que para a *cupiditas* (*Dom.* 10.1). No final do processo impera um retrato de desmesurada crueldade³⁷.

Na *Vida* de Calígula e de Nero, há, a determinada altura, uma partição entre aspectos bons e aspectos maus, mas a sugestão geral que fica no leitor é a de uma progressão cronológica. Embora, na *Vida* de Calígula, se faça uma divisão metodológica em virtudes e vícios³⁸, a verdade é que esta cisão diz respeito mais à actividade imperial do que a uma apresentação global da personalidade do imperador.³⁹ Com efeito, já antes se mencionara a *natura saeua et probrosa* (*Cal.* 11), que ele não conseguia reprimir antes de subir ao trono e que irá determinar, mais tarde, os seus principais vícios. Além disso, de forma coerente com a *incredibilis simulatio*, que Calígula já manifestava no principado de Tibério (*Cal.* 10.2), a parte boa da governação (*Cal.* 13-21) fica subordinada a uma capacidade de de simulação "teatral" de virtudes (*Cal.* 15) que ele de facto não possui. A parte relativa ao *monstrum* corresponde, assim, à revelação do verda-

³⁵ *Tib.* 49.1. Uma cronologia forçada como prova GASCOU, J. 1984, 408-410. Para uma análise da biografia, vide BALDWIN, B. 1983, 250-266.

³⁶ *Dom.* 2.2: *Simulauit et ipse mire modestiam in primisque poeticae studium, tam insuetum antea sibi quam postea spretum et abiectum.*

³⁷ *Dom.* 11.1: *Erat autem non solum magnae, sed etiam callidae inopinataeque saeuitiae.*

³⁸ *Cal.* 22.1: entre *princeps* e *monstrum*.

³⁹ Como assinala, no seu com., GUASTELLA, G. 1992, 156-157.

deiro carácter. De forma congruente com a descrição da insanidade de Calígula (*Cal.* 50-51), a rubrica da dedicação à arte de auriga culmina com a intenção de nomear cônsul o seu cavalo (*Cal.* 55.3).

Também em Nero o processo é semelhante. Embora a grande divisão desta *Vida* se faça, como na de Calígula, entre acções neutras ou louváveis e *probra ac scelera* (*Nero* 19.3), a verdade é que o biógrafo enceta a narrativa da parte má com uma analepse (*pueritiae tempore*), para explicar a origem do gosto pelo canto (*Nero* 20.1) e outra (*ab ineunte aetate*) a introduzir a paixão pelos cavalos (*Nero* 22.1). Ora tais aptidões, que são a causa da infâmia (*probra*) deste imperador, já vêm sendo sugeridas, desde o início, através do carácter do avô (*Nero* 4), da educação que recebeu, em casa da tia Lépidia, com um dançarino e um barbeiro por pedagogos (*Nero* 6.3), e no modo (*constantissime fauorabiliterque*) como participa no jogo equestre denominado "Tróia" (*Nero* 7.1). Estas características e a desmesurada crueldade de carácter (*immanitas naturae*) estavam patentes no presságio do preceptor, Séneca, que sonhara que educava Gaio César: já então (*Nero* 7.1) o biógrafo anunciava que o próprio Nero confirmaria, em breve, o presságio⁴⁰. Na parte relativa aos vícios, Suetónio continua a sublinhar a revelação progressiva do *ethos*. Nero, actor por natureza, 'tira a máscara' e — *nullaque dissimulandi cura* (*Nero* 27.1) — dá largas aos vícios que antes praticava *occulte*⁴¹. A partir daí, ele próprio está convencido de que todos procuram *dissimulare uitium et callide optegere* (*Nero* 29), e é com a expressão *neque dissimulanter* que se revela a sua cumplicidade na morte de Cláudio (*Nero* 33.1). De modo semelhante a Calígula, mas mais ampliado, a *dissimulatio* explica o fingimento "teatral" de virtudes (*Nero* 9-10). No termo dos crimes de Nero figura o incêndio de Roma (*Nero* 38).

Como consequência do tratamento *per species*, que acarreta a repetição dos mesmos exemplos em secções diferentes, há factos que são apresentados de forma contraditória ou são considerados numa perspectiva

⁴⁰ (...) *et fidem somnio Nero breui fecit prodita immanitate naturae quibus primum potuit experimentis.*

⁴¹ *Nero* 26.1. A cronologia passa para segundo plano. Suetónio coloca entre os bons exemplos de *pietas* do início do reinado (*Nero* 9) um acontecimento que se deu para além do *felix quinquennium*: o estabelecimento de uma colónia de veteranos em Âncio: vide GASCOU, J. 1984, 410-411.

diferente⁴². As aparências do início podem não corresponder uma realidade definitiva. Naqueles quatro imperadores, o facto de a governação começar com acções claramente positivas e terminar com factos atrozes, sugere uma degradação, que, associada à desproporção entre a quantidade de factos louváveis e censuráveis (que são mais numerosos), começa por provocar a desilusão do leitor e, por fim, conduz à indignação. No processo, concorre uma frequente indicação de rumores não confirmados⁴³. Efeito contrário tem a organização das *Vidas* de Augusto, Tito e Otão, nas quais os factos positivos apresentados em último lugar conquistam a simpatia do leitor⁴⁴.

Portanto, tomada no seu todo, a estrutura das *Vidas*, em termos retóricos, é constituída por *gradatio* ou clímax, que culmina no momento da

⁴² Nero mostra-se modelo de piedade filial no elogio fúnebre de Cláudio (*Nero* 9), mas à frente aparece como cúmplice da morte do antecessor (*Nero* 33.1); demonstra *pietas* pelo facto de passear de liteira com a mãe em público (*Nero* 9), mas verificamos, mais tarde, que manchas na roupa denunciam práticas incestuosas com Agripina durante os referidos passeios (*Nero* 28.2), e um agravamento do relacionamento levará ao matricídio (*Nero* 34). A majestosa recepção a Tiridates (*Nero* 13) revela-se, afinal, um espectáculo ruinoso (*Nero* 30.2).

⁴³ Vide BRANDÃO, J. L. 2002, 331-339.

⁴⁴ Em Tito, há um volte-face nitidamente delineado, mas ao invés de Tibério, Calígula, Nero, Domiciano. Antes descrito como *inciuius* e *uiolentius* (*Titus* 6.2), e dado à *saeuitia*, *luxuria*, *profusio*, *libido*, *rapacitas*, Tito muda, pelo que esta fama *pro bono cessit* (*Titus* 7.1). A partir daqui, Suetónio descreve um imperador *natura autem beniuolentissimus* (*Titus* 8.1), que corresponde ao *amor ac deliciae generis humani* logo a abrir esta *Vida*. Podemos adivinhar uma mudança semelhante na biografia de Augusto. A crueldade da juventude, durante as guerras civis (*Aug.* 10-17) e as proscrições (*Aug.* 27), contrasta com a clemência no governo (*Aug.* 51.1: *Clementiae ciuilitatisque eius multa et magna documenta sunt.*). O verdadeiro carácter de Otão revela-se na altura da morte, quando decide pôr fim à vida, mais por *pudor* do que por necessidade (*Otho* 9.3). Para atestar a veracidade desta afirmação, Suetónio afirma que seu pai esteve no exército deste imperador e que testemunhara repetidamente o ódio de Otão às guerras civis (*Otho* 10.1). Mas as qualidades do carácter de Otão já se manifestavam quando administrou a província da Lusitânia, durante dez anos, com *moderatio atque abstinentia singularis* (*Otho* 3.2). De modo diverso, na *Vida* de Cláudio, a alternância de motivos favoráveis e desfavoráveis sugere a incoerência e a fraqueza do imperador.

plenitude do biografado, isto é a morte, lugar da revelação plena do *ethos*⁴⁵. O fim da vida tende a surgir, para os maus imperadores, como resposta a uma tensão que se vai acumulando e como restabelecimento do equilíbrio e da ordem. Enquanto que, para os bons, é o normal terminar de uma existência digna (Augusto e Vespasiano), ou até uma injustiça (Tito), ou acto de coragem (Otão). Podemos encontrar uma progressão para a catástrofe nas mortes de César, de Calígula, de Nero e de Domiciano⁴⁶, mas também na de Galba, de Otão, de Tito e até na de Vitélio, que por várias vezes tenta abdicar, sem que tal lhe seja permitido (*Vit.* 15).

César, Calígula, Nero, Vitélio e Domiciano são as figuras mais trágicas das *Vidas*, pela magnitude, em sentido negativo, das suas acções: em comum, reúnem uma série de violações de leis divinas e humanas. O biógrafo manobra o material de que dispõe de forma a acentuar esta característica naqueles imperadores. O conceito de *impietas* aparece nas suas várias dimensões: para com os deuses, para com a pátria, para com a família. Em relação aos deuses surge, antes de mais, o desprezo da religião tradicional e a confiança em astrólogos, características comuns aos tiranos⁴⁷. Alguns carregam a culpa de *hybris*: Júlio César aceita, em vida,

⁴⁵ Vide PENNACINI, A. 1984, 87.

⁴⁶ O processo que conduz à morte destes imperadores é introduzido por sentenças de conteúdo semelhante: *praegrauant tamen cetera facta dictaque eius, ut et abusus dominatione et iure caesus existimetur...* (*Jul.* 76.1); *Ita bacchantem atque grassantem non defuit plerisque animus adoriri* (*Cal.* 56.1); *Talem principem paulo minus quattuordecim annos perpeussus terrarum orbis tandem destituit* (*Nero* 40.1); *Per haec terribilis cunctis et inuisus, tandem oppressus est <...> amicorum libertorumque intimorum simul et uxoris* (*Dom.* 14.1). Vide CROISILLE, J. M. 1970, 78 n. 5.

⁴⁷ César não mostrava temor religioso e não fazia fé nos presságios (*Jul.* 59): no fatídico dia entrou na cúria *spreta religione* (*Jul.* 81.4). O desprezo da religião e dos deuses é comum a Calígula (*Cal.* 51.1) e a Nero (*Nero* 56). Vitélio, que desdenha todo o direito divino e humano (*Vit.* 11.2), incendeia o templo de Júpiter no Capitólio (*Vit.* 15.3. Uma versão diferente figura em Tácito, *Hist.* 3.71.4). Tibério mostra-se *circa deos ac religiones neglegentior* (*Tib.* 69.1) e audacioso para com a proibição da religião: (*Tib.* 61.5), Ao mandar violar as donzelas antes de as estrangular, para assim contornar a tradição que considerava ímpio (*nefas*) o estrangulamento de virgens (generalização do biógrafo, como vimos: cf. Tácito, *Ann.* 5.9.2). Tibério, Nero e Domiciano confiam nos astrólogos (*Tib.* 14.4;

honras que ultrapassam a condição humana, torna-se objecto de culto e dá o nome ao mês *quintilis*⁴⁸ — é o motivo da tentadora passadeira de púrpura de Agamémnon; Calígula arroga-se a majestade divina: é objecto de culto, com vítimas e sacerdotes, convida a Lua para vir dormir com ele⁴⁹ e alterca com Júpiter⁵⁰. Nero deu o seu nome ao mês de Abril e propunha-se mudar o de Roma para Nerópolis (*Nero* 53); Vitélio permite-se palavras e gestos de *uanitas* e *insolentia* junto ao modesto túmulo de Otão⁵¹; Domiciano diz que recebeu de novo a esposa na almofada sagrada (*puluinar*), autoproclama-se *dominus et deus* e dispõe que os meses de Setembro e Outubro sejam chamados, respectivamente, Germânico e Domiciano (*Dom.*13).

Quanto à impiedade em relação à pátria, o próprio Júlio César sugeria que valia a pena violar a *eusebeia* para satisfazer a sua ambição de

Nero 36.1, *Dom.* 14.1) e o último venera Minerva *superstitiose* (15.3). Nero aumenta a *impietas* com a pilhagem dos templos (*Nero* 32.4).

⁴⁸ *Jul.* 76.1: *templā, aras, simulacra iuxta deos, puluinar, flaminem, lupercos, appellationem mensis e suo nomine.*

⁴⁹ *Cal.* 22.4. Várias são as tentativas de explicação, resumidas no com. de WARDLE, D. 1994, 214-215. Talvez se trate de um rito (mal interpretado por fontes hostis), ligado ao culto de Ísis. Ísis aparece associada à lua em Apuleio, *Met.* 11.3-6. Nesta perspectiva, Calígula, nas suas aspirações a uma monarquia de tipo egípcio, poderia muito bem estar a identificar-se com Osíris. Ora, segundo MARTIN, R. 1991, 331-332, embora não sejam de excluir traços de demência, a que os autores antigos atribuem a busca de divinização, importa ter presente a ideologia geral do reino: a monarquia teocrática conseguida pela osmose entre um princípio de *consecratio* do monarca egípcio e o culto clássico dos deuses romanos, a partir do desejo de uma monarquia mundial sustentada por uma autoridade divina. Camus encarece e repete o motivo da busca da lua, dando-lhe o valor simbólico do impossível a que Calígula aspira. Vide STRAUSS, W. A. 1951, 165; GILLIS, J. 1974, 401.

⁵⁰ *Cal.* 22.4. A ameaça a Júpiter — *ἢ μ' ἀνάειρ' ἢ ἐγὼ σέ* («ou tu dás cabo de mim ou eu de ti!») — é uma expressão homérica, *Il.* 23.724. Séneca, *Dial.* 3.20.8, diz que Gaio respondia assim aos trovões que interrompiam um espectáculo de um pantomimo durante um banquete. Cf. Dion Cássio, 59.28.6.

⁵¹ *Vit.* 10.3: *Pari uanitate atque insolentia lapidem memoriae Othonis inscriptum intuens 'dignum eo Mausoleo' ait, pugionemque, quo is se occiderat, in Agrippinensem coloniam misit Marti dedicandum. In Appennini quidem iugis etiam peruigilium egit.*

reinar, repetindo uma expressão de Etéocles das *Fenícias* de Eurípides⁵²; Calígula mostra desejo de decapitar, de uma só vez, todo o povo romano (*Cal.* 30.2) e lamenta-se de, no seu reinado, não acontecerem calamidades (*Cal.* 31); Nero não poupa nem os muros da pátria, aos quais lança fogo⁵³; Vitélio, junto ao campo de batalha de Betriaco, diz impiamente que o cadáver de um inimigo cheira bem, sobretudo se for um concidadão, e bebe para afastar aquele odor⁵⁴; entra em Roma em traje militar e com as armas a descoberto⁵⁵, ataca e incendeia o Capitólio e contempla a luta e o

⁵² *Jul.* 30.5. Cf. Eurípides, *Ph.* 524. Suetónio apresenta a versão latina da autoria de Cícero (*off.* 82): *Nam si uiolandum est ius, <regnandi> gratia / uiolandum est: aliis rebus pietatem colas.* Vide CANFORA, L. 2000, 153.

⁵³ *Nero* 38.1: *Sed nec populo aut moenibus patriae pepercit.* É interessante o uso do termo *patria* (raro em Suetónio) que enfatiza a natureza do acto e a solenidade do momento; a abordagem subjectiva remete para a noção de *parricidium* com que se iniciou a exposição dos crimes deste imperador (33.1: *Parricidia et caedes...*); vide com. de BRADLEY, K. R. 1978, 227-228; com. de WARMINGTON, B. H. 1999, 72. Mas Suetónio é parcial: o *dolus principis* é apenas uma das versões que corria em pé de igualdade com a de um acidente fortuito; cf. Tácito, *Ann.* 15.38.1. Os boatos sobre a culpa de Nero poderão ter surgido posteriormente, a partir do cuidado posto na reconstrução e na qualidade dos edifícios, como se pode deduzir das palavras de Tácito, *Ann.* 15.40.2. Na verdade, Nero parece ter-se empenhado no combate ao fogo e na suavização dos seus efeitos, como sublinha HOLSON, P. 1976, 37-44. Não se entende em que é que Nero beneficiaria com este incêndio; seria mais praticável um programa de demolição e reconstrução e é pouco provável que Nero quisesse destruir a *Domus Transitoria*, que estava em construção; vide com. BRADLEY, K. R. 1978, 231.

⁵⁴ *Vit.* 10.3. Tácito, *Hist.* 2.70, descreve a cena macabra sem mencionar as palavras ímpias, o gesto de beber ou a dedicação a Marte do punhal com que Otão se suicidara, embora note o contraste entre atitude dos que choravam e a atitude prazenteira do imperador: *At non Vitellius flexit oculos nec tot milia insepultorum ciuium exhorruit: laetus ultro et tam propinqua sortis ignarus instaurabat sacrum dis loci.*

⁵⁵ *Vit.* 11.1. Uma versão mais próxima da legalidade é apresentada em Tácito, *Hist.* 2.89.1: Vitélio, que se dispunha a entrar na cidade *paludatus accintusque*, deixa-se convencer pelos amigos a vestir a *praetexta*, e os oficiais levam uma veste branca, enquanto em Suetónio envergam o *sagum*, hábito de guerra contraposto à toga. Vide com. de VENINI, P. 1977, 125-126.

incêndio enquanto se banquetearia⁵⁶; Domiciano não cessa de tramar conjuras contra Tito e não lhe presta honras depois da morte⁵⁷.

A *impietas* em relação aos familiares está largamente representada: o biógrafo encarrega-se de acentuar. O parricídio é perpetrado por Nero, na pessoa de Cláudio, pai adoptivo (*Nero* 33.1)⁵⁸, e por Calígula, na pessoa de Tibério (*Cal.* 12). A *impietas* do matricídio mancha Nero: a dolosa e espectacular morte de Agripina é agravada pela macabra apreciação do corpo desnudo da defunta e pelo facto de o filho beber junto do cadáver

⁵⁶ *Vit.* 15.3. Em Flávio Josefo, *BJ* 4.645, a iniciativa parte dos flavianos. Também segundo Tácito, *Hist.* 3.69-71, são os pártidários dos Flávios, comandados por Sabino, irmão de Vespasiano, que decidem ocupar o Capitólio, como medida de segurança (3.69). O ataque ao Capitólio parece mais uma iniciativa acéfala dos soldados, da qual Vitélio se demarca, dizendo que já não era imperador; e chega mesmo a proteger o mensageiro, Cornélio Marcial, enviado por Flávio Sabino (*Hist.* 3.70.4). Também para o incêndio, Tácito apresenta duas versões: uma que seriam os atacantes a incendiar os *tecta*, e outra, mais acreditada, que seriam os próprios sitiados (*Hist.* 3.71.4). Os sitiados são mortos contra o parecer de Vitélio (*Hist.* 3.74.2). Além da simpatia por Otão e conseqüente antipatia pelo sucessor e do possível efeito da propaganda flávia, Suetónio segue a tendência habitual de concentração dos factos sobre o protagonista da biografia; vide VENINI, P. 1974, 993-994 e com. ID. 1977, 138.

⁵⁷ *Dom.* 2.3. Mas Suetónio dá informações incorrectas; Domiciano honrou o irmão de várias formas: cunhagens; inscrições; construção do arco de Tito; o templo de Vespasiano e de Tito. O ódio fraterno é um antigo topos que tem de ser visto com reservas; vide com. de JONES, B. W. 1996, 28; com. de JONES, B. & MILNS, R. 2002, 126.

⁵⁸ Da *Vida* de Cláudio para a de Nero houve um crescendo da responsabilidade do segundo na morte do pai adoptivo, de modo muito semelhante ao que acontecera com a responsabilidade de Calígula na morte de Tibério (*Cal.* 12.2). Se na biografia de Cláudio (*Cl.* 44) não fora mencionada a sua intervenção, na de Nero a culpa é acentuada: segundo Suetónio, se Nero não foi o *actor* desta morte, pelo menos foi *consciis*, pela forma como, longe de dissimular, louvava, recorrendo a um provérbio grego, os cogumelos como *deorum cibus*. Também as *contumelias* contra Cláudio são usadas como provas da culpa de Nero: dizia que ele deixara de *morari* (alongando a sílaba inicial da palavra, o que alterava o significado para o que em grego significava 'fazer disparates') entre os homens; anulou *decreta et constituta*, e negligenciou o seu túmulo. Mas a responsabilidade de Nero não é atestada em nenhum outro lugar. Vide com. de BRADLEY, K. R. 1978, 195; WANKENNE, J. 1981, 151.

(*Nero.* 34.1-4)⁵⁹. Também Vitélio é suspeito da morte da própria mãe (*Vit.* 14.5)⁶⁰, e Tibério trata Livia impiamente (*Tib.* 50.2-51.2)⁶¹. Fratricídios unem Calígula, Nero e Domiciano: o primeiro mandou assassinar o *frater*, segundo a lei, Tibério Gemelo, neto do imperador homónimo (*Cal.* 23.3); o segundo envenena Britânico (*Nero* 33.2), o terceiro abandona Tito que expirava (*Dom.* 2.3). Tibério revela ódio ao irmão Druso (*Tib.* 50.1). Tibério e Vitélio são acusados da morte dos descendentes: o primeiro, do filho adoptivo Germânico (*Tib.* 52.3), da nora, Agripina (*Tib.* 53), e dos netos (*Tib.* 54)⁶²; Vitélio envenena o filho da primeira mulher e acusa-o de parricídio (*Vit.* 6)⁶³. Nero executa as esposas e o enteado, filho de Popeia

⁵⁹ *Nero* 34.4. Tácito não é tão assertivo, como se pode ler em *Ann.* 14.9.1: *Aspexeritne matrem exanimem Nero et formam corporis eius laudauerit, sunt qui tradiderint, sunt qui abnuant*. Em Díon 61.14.2, Nero, depois de mandar desnudar o cadáver e observar as feridas, diz que não sabia que a mãe era tão bela. Vide VERDIÈRE, R. 1975, 13. Para BALDWIN, B. 1979, 380-381, este passo denota os gostos histrioncos de Nero: o toque nos membros de um corpo real recorda a cena de Agave e Penteu nas *Bacantes* de Eurípides, mas Nero inverte o original: Agave, sem saber, mata o filho Penteu; Nero conscientemente mata a mãe. Acresce que Díon, 61.20.2, diz que, depois da morte da mãe, Nero faz a sua estreia no palco com a peça *Atthis* ou as *Bacchae*. Díon segue uma fonte perdida (não adoptada por Suetónio), que possivelmente nota e conecta com a encenação báquica o extravagante comportamento de Nero em relação ao corpo da mãe. Vide MARTIN, R. 1991, 264. BARTSCH, S. 1994, 61-62, contesta a teoria de BALDWIN, por se fundar na veracidade da descrição da necrofilia de Nero, por afastar a hipótese de as fontes terem sido influenciadas pelos papéis de Nero e por acrescentar um modelo teatral mitológico que as fontes não referem. Conclui BARTSCH que os papéis de Nero provocaram nas fontes um efeito retroactivo sobre a sua vida. De facto, entre os papéis que Nero representava estava o de *Orestes matricida* e *Édipo Cego*.

⁶⁰ Suetónio segue a versão mais desfavorável a Vitélio. Tácito, *Hist.* 3.67.2, dá notícia de uma *opportuna mors* que, ocorrida poucos dias antes da de Vitélio, poupou à visão da ruína da sua família.

⁶¹ Mas a recusa de honras, interpretada pela tradição hostil como desentendimento, seria uma política oficial de moderação, que Tibério também aplicava à sua pessoa, e que Suetónio terá encontrado nos *acta senatus*. Mas Livia foi honrada em cunhagens: vide com. de LINDSAY, H., 1995, 151.

⁶² Suetónio, de acordo com o seu hábito de centrar a narrativa na pessoa do biografado, silencia a actuação pérfida de Sejano, descrita por Tácito, *Ann.* 4.59-60.

⁶³ Com efeito, a esposa Petrónia, depois do divórcio, faria do filho seu herdeiro, com a condição de ser emancipado do poder paterno. O facto de o filho

(*Nero* 35.5)⁶⁴. Calígula revela impiedade no desrespeito pela memória de Augusto, do avô Agripa, da bisavó Lúvia e na forma como contribui para a morte da avó Antónia (*Cal.* 23.2); e Nero, no desrespeito pela memória de Cláudio (*Cl.* 45; *Nero* 33.1).

As uniões criminosas pertencem à tradição trágica do *anosios gamos*⁶⁵. Entre estas estão os incestos de Calígula, com a irmã Drusila, a quem tratava como *iusta uxor* (*Cal.* 24.1)⁶⁶; de Nero com a mãe (*Nero* 28.2)⁶⁷, de Domiciano com a sobrinha Júlia, filha de Tito (*Dom.* 22)⁶⁸, e de

morrer pouco depois ocasionou rumores sobre a culpa de Vitélio em tal morte. Vide MARTIN, R. 1991, 148.

⁶⁴ Segundo Suetónio, Nero manda afogar o enteado, Rúfrio Crispino, filho de Popeia, quando o jovem pescava. Para FRAZER R. M. 1966, 19, este assassinio tem um modelo mitológico. Tal incidente vem associado à censura feita por um filósofo cínico (*Nero* 39.3) de que Nero, que sabia cantar as desgraças de Náuplio, dispunha mal dos seus bens. A grande desgraça de Náuplio é o assassinio do seu filho Palamedes, descrito primeiramente nos *Cypria*. Palamedes seria afogado por Diomedes e Ulisses, quando saía para pescar. No incêndio de Roma, Nero revive as desgraças de Príamo. Seria fácil imaginá-lo a cantar as desgraças de Náuplio, enquanto Rúfrio Crispino era afogado. BARTSCH, S. 1994, 61, critica esta tese e alerta para a pernicioso tentativa de usar o drama para, seguindo as fontes (que podem não ser verídicas), reconstituir a vida imperial.

⁶⁵ Vide FOUCHER, A. 2000, 788.

⁶⁶ A identificação com os príncipes Lágidas, que casam com as suas irmãs, pode explicar a relação com Drusila e as honras que lhe concede depois da morte. É como uma imagem do casamento divino de Ísis e Osíris. Crê-se que Calígula tinha uma capela isíaca no seu palácio. Vide MARTIN, R. 1991, 331; COLIN, J. 1954, 408; LAMBRECHTS, P. 1953, 226-228 e n. 2.

⁶⁷ Tácito, *Ann.* 14.2, rejeita a versão de Fábio Rústico, seguida por Suetónio, e segue a versão de Clúvio Rufo, que diz que a iniciativa foi de Agripina, para manter o ascendente sobre o filho. Para o evitar, Séneca tratou de lhe contrapor Acte. O incesto não passaria de um rumor; vide VERDIÈRE, R. 1975, 5-22; MARTIN, R. 1991, 145; BALDWIN, B. 1983, 178. GASCOU, J. 1984, 441-442 n. 207, lança a hipótese de o rumor ter surgido de uma graça de mau gosto de Nero: a semelhança de uma meretriz com Agripina (referida por Suetónio como prova do delito) teria levado o imperador a dizer que tinha comércio com a mãe.

⁶⁸ Cf. Juvenal, 2.29-33; Plínio, *Ep.* 4.11.6; Díon Cássio, 67.3.1. Os rumores sobre a morte de Júlia devem ter-se levantado depois da morte de Domiciano; caso contrário, dificilmente Marcial, 6.3.5, se referiria a Júlia como divina protec-

Cláudio com Agripina, embora esta última união fosse ratificada pelo senado como razão de estado⁶⁹. Outra impiedade de Nero é a violação da vestal Rúbria (28.1)⁷⁰. Também nesta categoria se podem incluir os casamentos ilícitos por arrebatamento de esposas a outros maridos⁷¹.

Os imperadores pérfidos não se apresentam como figuras trágicas por terem um fim infeliz — tal provoca apenas sentimento de justiça

tora de um futuro filho de Domiciano, que Roma esperava, humilhando assim publicamente Domícia; para mais, com a referência a um filho cujo nome (*Iulius*) perpetuaria a lembrança da amante do marido. Além disso, este epigrama figura no livro VI, entre outros que louvam as leis de Domiciano contra o adultério: não parece que Marcial se atrevesse a sugerir hipocrisia do imperador de forma tão descarada. Vide com. JONES, B. W. 1996, 151 (e, mais tarde, JONES, B. & MILNS, R. 2002, 167).

⁶⁹ Relação *contra fas*, considerada incesto, como se verifica na relutância que gerou: ... *talium coniugiorum, quae ad id tempus incesta habebantur* (*Cl.* 26.3); *Ducturus contra fas Agrippinam uxorem* (*Cl.* 39.2). Mas Suetónio cala a necessidade dinástica deste casamento. Agripina assegurava melhores vantagens que as suas rivais: era filha de Germânico e directa descendente de Augusto; o filho dela, Lúcio Domício, futuro imperador Nero, era neto de Germânico e devia ser unido à família imperial, e (como sustentava o liberto Palante em Tácito, *Ann.* 12.2.3) uma união com uma mulher de fora da família criava uma crise dinástica. Agripina e o filho eram muito populares, sobretudo depois do aparecimento de Lúcio Domício no *lusus Troiae*, ao lado do apagado Britânico, filho de Cláudio (cf. *Nero* 7.1 e Tácito, *Ann.* 11.11.2). Além do mais, Agripina era jovem e podia gerar descendência. Vide com. de MOTTERSHEAD, J. 1986, 110.

⁷⁰ O episódio da vestal Rúbria não aparece em outras fontes, à excepção de Aurélio Victor, *Caes.* 5.11. Sobretudo o silêncio de Díon Cássio, que também é coleccionador de mexericos, torna lícita a dúvida de VERDIÈRE, R. 1975, 7. Vide MARTIN, R. 1991, 144; com. de WARMINGTON, B. H. 1999, 54.

⁷¹ Como é o caso de Calígula (*Cal.* 25.1), de Nero (*Nero* 35.1) e Domiciano (*Dom.* 1.3) — se bem que este procedimento parecesse legitimado pelo casamento de Augusto com Lúvia, e até pelo exemplo de Rómulo, como nota Calígula (*Cal.* 25.1). No caso de Calígula pode tratar-se simplesmente de uma brincadeira com base na fama de Augusto que, segundo uma acusação de Marco António, arrebatara uma mulher de um banquete à frente do marido (*Aug.* 69.1). Quer se trate de uma justificação do imperador para o seu acto, quer seja uma marca de humor negro, Suetónio situa o dito, como toda a rubrica dos casamentos, sob o estigma da *impietas*: *matrimonia contraxerit turpius an dimiserit an tenuerit, non est facile discernere*.

realizada—⁷², mas pelas circunstâncias que envolvem a sua actuação e pela forma como se tornam, eles mesmos, vítimas do próprio carácter. O Tibério suetoniano parece ter consciência desta realidade: o seu carácter é o destino a que não pode fugir (*Tib.* 67.1-2).

O destino e a sorte (*tyche*) fazem-se presentes num plano paralelo à ideia do mérito ou da culpa pessoal. Tito diz que o império é um dom do *fatum* (*Tit.* 9.1), e a sua popularidade é atribuída à Fortuna, a par do *ingenium* e da *ars* (*Tit.* 1). Augusto tem tanta confiança no seu *fatum* que publica o horóscopo (*Aug.* 94.12); Tibério confia em que tudo é governado pelo *fatum* (*Tib.* 69). A morte de Gaio e de Lúcio é atribuída por Augusto à *atrox fortuna* (*Tib.* 23). É a *Fortuna* que destrói a *disciplina* da casa de Augusto (*Aug.* 65.1). Nero, na fase inicial, confessa que o seu sucesso depende da *Fortuna* (*Nero* 23.3).

É significativo o relevo que Suetónio dá a coincidências impressionantes. Soa a generalização dizer que, dos assassinos de César, *nonnulli se suicidaram com o mesmo punhal com que atacaram o ditador*⁷³. No final da *Vida* de Calígula, tira-se a conclusão, exagerada, de que todos os Césares, cujo primeiro nome seja Gaio, morrem assassinados (*Cal.* 60)⁷⁴; Calígula sugere para o filho de Agripina o nome do tio Cláudio, como de facto aconteceu mais tarde por adopção (*Nero* 6.2)⁷⁵; é considerado *praesagium insequentis casus* o facto de Galba ter exercido o consulado entre o do pai de Nero e o do pai de Otão, tal como depois ele mesmo sucedeu a Nero no poder e foi substituído por Otão (*Gal.* 6.1). Dizer que Cláudio nasceu em Lugduno no mesmo dia em que, pela primeira vez, foi dedicada a Augusto uma ara naquela cidade (*Cl.* 2.1) é um processo de datação, por referência a um acontecimento histórico, que engrandece Cláudio⁷⁶. É com uma cronologia forçada, e contraditória em relação às

⁷² Como sugere Aristóteles, *Po.* 1453a 1ss. A situação menos trágica seria os pérfidos passarem de uma situação de infelicidade à de felicidade.

⁷³ Plutarco, *Caes.* 69.3, atribui tal acto apenas a Cássio.

⁷⁴ O Pai de Júlio César morreu naturalmente, tal como Augusto e o irmão mais velho de Calígula, também Gaio, falecido na infância.

⁷⁵ Facto que é interpretado como sinal da *futura infelicitas* do futuro imperador.

⁷⁶ (Em 10 a.C.) Os eruditos rejeitam geralmente a informação de Suetónio, tomando por base a cronologia de Tito Lívio (*Per.* 139) que situa claramente a dedicação do altar em 12 a. C. SIMPSON, C. J. 1987, 586-592, tende a dar crédito ao

informações posteriores, que Suetónio situa o nascimento de Tito três dias antes das calendas do *insignis annus* da morte de Calígula (*Tit.* 1)⁷⁷, para encarecer deste modo a substituição do *monstrum* pelo *amor ac deliciae generis humani*⁷⁸. Mais dramáticas se tornam as coincidências na *Vida* de Nero: recebe a notícia da revolta da Gália no mesmo dia em que, anos atrás, mandara assassinar a mãe (*Nero* 40.4); e morre no mesmo dia em que outrora Octávia fora morta por sua ordem (*Nero* 57.1).

Há um palavra que sugere acontecimentos trágicos inesperados: *casus*⁷⁹. Neste sentido se refere o *casus* dos assassinos de César (*Jul.* 89); o *casus* de Lúcio, o neto de Augusto adoptado pelo imperador (*Aug.* 65.2); o *casus* dos familiares (*suorum*) de Calígula, mortos no principado de Tibério (*Cal.* 10.2); o *casus* do astrólogo Asclerário, desmembrado, como previra, pelos cães (*Dom.* 15.3).

A forte presença quer do *fatum*, quer da vontade dos deuses no desenrolar da história faz-se sentir através da insistência em oráculos de renome⁸⁰, profecias e numerosos sinais ominosos de toda a espécie, prenúncios de felicidade ou desgraça. Perante estas forças os imperadores mais arrogantes têm de capitular. Tibério tenta dispersar os oráculos, mas desiste aterrorizado pelo poder das *Praenestinae sortes*, que não foram encontradas dentro do cofre (que as transportara até Roma), senão depois de devolvidas ao local de origem (*Tib.* 63.1). Domiciano condena à morte o astrólogo Asclerário e apressa o seu funeral, para contrariar a previsão de que o mesmo seria dilacerado pelos cães, mas fica impressionado ao saber que o cadáver, meio queimado, teve precisamente esse fim (*Dom.* 15.3). A mudança na orientação dos presságios significa

rigor do biógrafo e prefere imputar o erro a Tito Lívio, às suas fontes ou ao epitomator.

⁷⁷ Na verdade, Calígula foi morto a 24 de Janeiro de 41 d.C. e Tito nascera a 30 de Dezembro, mas de 39 (como sugere a informação de Suetónio, *Tit.* 11). Vide com. de MARTINET, H. C. 1981, 6-7; LEVI, M. A. 1954, 288-289.

⁷⁸ Outras coincidências marcam a vida deste imperador: toma Jerusalém no dia do aniversário da filha (*Tit.* 5.2) e faleceu na mesma *uilla* do pai (*Tit.* 11).

⁷⁹ Vide FOUCHER, A. 2000, 786.

⁸⁰ Estão presentes famosos oráculos estrangeiros, como o de Apolo, em Delfos (*Nero* 40.3), o de Vénus Páfia, em Cipro (*Tit.* 5.1), o do Carmelo, na Judeia (*Ves.* 5.6); e também itálicos, como a Fortuna de Âncio (*Cal.* 57.3), a Fortuna de Preneste (*Dom.* 15.2, *Tib.* 63.1), e o oráculo de Gérion, perto de Patávio (*Tib.* 14.3).

afastamento do favor dos deuses: Galba e Domiciano ficam a saber, por um sonho, que perdem o favor da sua divindade protectora, respectivamente, a Fortuna e Minerva (*Gal.* 18.2; *Dom.* 15.3). De facto, Galba, que, até atingir o poder, tem o favor divino anunciado em numerosos e diversos presságios, perde-o imediatamente a seguir (*Gal.* 18.1), devido, segundo parece, à sua má actuação. Já Calígula, Nero, Vitélio e Domiciano, além da sua culpa pessoal, aparecem, desde o início, fadados para a desgraça: Calígula, que é, nas palavras pressagas de Tibério, uma Hidra e um Faetonte (*Cal.* 11), revela-se, na verdade, um *monstrum insanum*, que é necessário abater. Nero é perseguido pela *infelicitas* (*Nero* 6.2), e por *fatales mali* (*Nero* 40.2), identificado com os matricidas Orestes ou Alcmeon (*Nero* 39.2) ou Édipo (*Nero* 46.3). Ele próprio, consciente de que é um *sceleratus*, sente que, por isso, lhe é vedado o acesso aos mistérios de Elêusis (*Nero* 34.4). Vitélio é perseguido por maus presságios desde o nascimento (*Vit.* 3.2)⁸¹, mas está cego para os variados sinais de desgraça que sobre ele pairam (*Vit.* 8.2; 9). Domiciano, que conhecia o dia, a hora e o género de morte desde o tempo em que era *adulescentulus* (*Dom.* 14.1)⁸², vê a hora da morte aproximar-se inexoravelmente (*Dom.* 14.4-16.2)⁸³.

Os presságios de morte de Calígula e Nero não se limitam a anunciar o fim, mas alguns deles sugerem vingança divina: no primeiro caso,

⁸¹ *Genituram eius praedicatam a mathematicis ita parentes exhorruerunt, ut pater magno opere semper contenderit, ne qua ei prouincia uiuo se committeretur, mater et missum ad legiones et appellatum imperatorem pro afflicto statim lamentata sit.*

⁸² *Annum diemque ultimum uitae iam pridem suspectum habebat, horam etiam nec non et genus mortis. Adulescentulo Chaldaei cuncta praedixerant.*

⁸³ O tempo tem uma importância fundamental na tragédia de Domiciano, uma vez que suspeitava do seu destino. A tensão aumenta com a aproximação do dia e da hora fatal: *tempus suspecti periculi* (14.4). Na verdade, a contagem decrescente já começara muito antes: Suetónio concluíra a *Vida* de Vespasiano com a referência ao sonho do imperador sobre o tempo de governo da dinastia (*Ves.* 25). O biógrafo, que habitualmente é impreciso nas notações temporais, sugere a aproximação da hora da morte de Domiciano com indicações cronológicas cada vez mais precisas. Começa por se referir a uma duração de *continuis octo mensibus* (15.2), para depois ir indicando espaços de tempo cada vez mais curtos: *Pridie quam periret ...; at circa mediam noctem...; dehinc mane* (16.1); *horas requirenti pro quinta, quam metuebat, sexta ex industria nuntiata est* (16.2). As acções das últimas vinte e quatro horas do imperador são pautadas por estas notações temporais.

vingança de Júpiter, que Calígula ofendera (*Cal.* 57); no caso de Nero, vingança dos manes de Agripina e de Octávia (*Nero* 46.1). Estes dois imperadores cometem um erro ao interpretarem favoravelmente profecias cifradas: da Fortuna de Âncio (*Cal.* 57.3)⁸⁴; do oráculo de Apolo, em Delfos (*Nero* 40.3)⁸⁵.

A perseguição das Erinias, evocação da *Oresteia* de Ésquilo, está representada, de modo explícito, nos remorsos de Nero, atormentado, depois da morte de Agripina, pelo fantasma da mãe e pelas tochas ardentes das Fúrias (*Nero* 34. 4)⁸⁶. Como um *Édipo no exílio* é a esposa, a mãe e o pai que lhe exigem a morte — assim é interpretado o último verso da última peça que cantou em público (*Nero* 46.3)⁸⁷.

Os sonhos pressagos, de larga tradição épico-trágica, são elementos abundantes na biografia. Otão vê-se aterrorizado por pesadelos, nos quais é derrubado pelos manes de Galba, a quem mandara matar (*Otho* 7.2)⁸⁸. Galba sonha que a deusa Fortuna, defraudada, o ameaça (*Gal.* 18.2)⁸⁹. Também Calígula é atormentado por estranhas visões

⁸⁴ Avisado pelo astrólogo Sula e pelas *Fortunae Antianae* (para Suetónio, Âncio é o lugar do nascimento deste imperador: *Cal.* 8) — que lhe anunciam que deve precaver-se contra um Cássio —, Calígula procura contrariar o destino e comete o erro involuntário de mandar matar Cássio Longino, governador da Ásia, sem se lembrar de que Quérea, que virá a assassinar o imperador, também é Cássio.

⁸⁵ O oráculo aconselha Nero a acautelar-se do ano setenta e três e Nero julga que será esta a idade da sua morte, quando, na verdade, o presságio se refere à idade actual de Galba. Mas trata-se de uma efabulação baseada num erro de cálculo da idade de Galba. Este teria apenas 71 anos em 68, pois terá nascido em 3 a.C. e não em 5 a.C. Vide GALLIVAN P. A. 1974c, 297-318.

⁸⁶ *Nec tamen conscientiam sceleris, quanquam et militum et senatus populique gratulationibus confirmaretur, aut statim aut unquam postea ferre potuit, saepe confessus exagitari se materna specie uerberibusque Furiarum ac taedis ardentibus. Quin et facto per Magos sacro euocare Manes et exorare temptauit. Peregrinatione quidem Graeciae et Eleusinis sacris, quorum initiatione impii et scelerati uoce praeconis summouentur, interesse non ausus est.*

⁸⁷ *Θανείν μ' ἄνωγε σύγγαμος, μήτηρ, πατήρ.*

⁸⁸ *Dicitur ea nocte per quietem pauefactus gemitus maximos edidisse repertusque a concursantibus humi ante lectum iacens per omnia piaculorum genera Manes Galbae, a quo deturbari expulsi se uiderat, propitiare temptasse.*

⁸⁹ *Monile margaritis gemmisque consertum ad ornandam Fortunam suam Tusculanam ex omni gaza secreuerat; id repente quasi augustiore dignius loco*

nocturnas, atribuídas à sua insanidade (*Cal.* 50.3). Na noite anterior ao dia do assassinio, ocorrem sonhos alarmantes para César (*Jul.* 81.3), e Domiciano é dominado pelo terror (*Dom.*16.1). Para afastar o mal anunciado, são necessários sacrifícios expiatórios. Nero tenta aplacar os manes de Agripina (*Nero* 34.4); Otão, os de Galba (*Otho* 7.2); Galba procura reconquistar o favor da Fortuna com um sacrifício expiatório, mas é tarde de mais (*Gal.* 18.2).

Por vezes, as próprias execuções se transformam em rituais de expiação: a chacina dos cúmplices das conjuras de Pisão e de Vinício é, segundo Suetónio, levada a cabo por Nero para esconjurar os maus presságios inerentes à passagem de um cometa, e nem se poupam os filhos dos conjurados (*Nero* 36.1). Outras vezes, o ritual visa cumprir uma vingança ou um voto: Augusto, para completar a vingança contra os assassinos do pai adoptivo, envia para Roma a cabeça de Bruto, para a lançar aos pés da estátua de César (*Aug.* 13.1); e, nos idos de Março, imola, *hostiarum more*, num altar erigido ao divino Júlio, trezentos dos vencidos de Perúsia (*Aug.* 15); um liberto compra a cabeça de Galba e lança-a no lugar onde o seu patrono foi morto por ordem daquele imperador (*Gal.* 20.2)⁹⁰. Calígula exige a um cidadão o cumprimento do voto que fizera de combater como gladiador pela recuperação da saúde do príncipe; e a outro, que fizera voto de morrer por ele, ordena que seja transportado pelos quarteirões, enfeitado com verbena e com a fita que ornamentava as vítimas dos sacrifícios (*infulatus*), e depois precipitado do alto da antiga muralha (*Cal.* 27.2)⁹¹. Outras vezes as execuções transfor-

Capitolinae Veneri dedicavit, ac proxima nocte somniauit speciem Fortunae querentis fraudatam se dono destinato, minantisque erepturam et ipsam quae dedisset. Cumque exterritus luce prima ad expiandum somnium, praemissis qui rem diuinam appararent, Tusculum excucurrisset, nihil inuenit praeter tepidam in ara fauillam atratumque iuxta senem in catino uitreo [h]us tenentem et in calice fictili merum.

⁹⁰ O horror dos pormenores contrasta com a sobriedade de Tácito, *Hist.* 1.41.3 e 1.49.1, que não hesita em suprimir pormenores sórdidos. Cf. Plutarco, *Gal.* 27.3, e Dión Cássio, 64.6.5^a.

⁹¹ Todo o ritual que envolve esta morte (trata-se, segundo Dión Cássio, 59.8.3, de P. Afrânio Potito), bem como o vocabulário técnico que a descreve, parece denotar a restauração de um rito de expulsão arcaico, do tempo dos reis, que indicia uma concepção de monarquia sacra por parte de Calígula. Vide NÉRAUDAU, J. P. 1988, 324-341. Camus faz o aproveitamento dramaturgico destes

mam-se em ritos absurdos, não explicáveis por uma lógica humana civilizada: parece o caso do sacrifício de Colósseros, embora o biógrafo lhe não dê qualquer significado religioso e o considere vítima da inveja de Calígula: depois de o obrigar a combater na arena, o imperador manda levá-lo pelos quarteirões, coberto de trapos, exhibi-lo às mulheres e depois degolá-lo (*Cal.* 35.2)⁹². Este imperador revela ainda o gosto bárbaro de substituir as vítimas animais por vítimas humanas, quando imola o sacrificador em vez da vítima (*Cal.* 32.3).

O assassinio de alguns dos imperadores assemelha-se a um ritual de sacrifício para repor a ordem. A morte de Calígula apresenta duas versões. A primeira emprega o motivo do sacrifício sugerido nas palavras rituais de Quérea: '*Hoc age!*'⁹³. A segunda sugere um sacrifício oferecido a Júpiter, presente na palavra de ordem dada por Calígula (o nome do deus) e na resposta de Quéreas: '*Accipe ratum!*' – provavelmente outra expressão formular – que torna Calígula alvo da ira daquele deus⁹⁴. A morte de Galba, também relatada em duas versões que se completam, remete também para a metáfora do sacrifício. Se na primeira se sugere que ele apelara à sua condição de militar – '*Quid agitis, commilitones? Ego uester sum et uos mei*' («Que é lá isso, camaradas? Eu estou convosco e vós comigo!») –, na segunda, mais digna e autorizada por *plures*, é o próprio

votos (*Caligula* IV. 8), com a diferença de que não coloca a morte em cena. ANTONELLI, G 2001, 110, põe em dúvida o real derramamento de sangue no final da encenação.

⁹² O rito assemelha-se ao de uma vítima a caminho do sacrifício, como o homem que oferecera a vida pela saúde do imperador (27.2). Tratar-se-ia de um antigo ritual de justiça colectiva restaurado por Calígula. A de restauração de ritos arcaicos por parte de Calígula leva VEYNE, P. 1983, 18-25, a considerá-lo um folclorista.

⁹³ *Cal.* 58.2. *Hoc age* era um grito com o qual o sacerdote, depois de fazer aos presentes a pergunta ritual *agone?*, era convidado a golpear a vítima para levar a cabo o sacrifício. Vide a ed. de AILLOUD, H. 1931, n. a *Cal.* 38³, e nota seguinte.

⁹⁴ Houve mesmo quem propusesse a correcção para *accipe iratum*. De facto, o imperador ofendera o pai dos deuses (*Cal.* 22.2-4). Um sonho de Calígula (*pridie quam periret*), no qual Júpiter o expulsava do Olimpo com os pés e o precipitava sobre a terra (*Cal.* 57.3), é apresentado como um dos sinais inequívocos da perda do favor divino. Além disso, significa que este imperador não será premiado com a apoteose. Vide GUASTELLA, G. 1992, 291-301; HURLEY, D. W. 1993, 201-211; WARDLE, D. 1994, 356-365; e ed. de ROLFE, J. C. 1913, 494 n. b.

imperador que estende o pescoço e incentiva os assassinos com a fórmula ritual que dá o tom sacrificial ao gesto: *'ut hoc agerent ac ferirent, quando ita uideretur' hortatum*⁹⁵ («exortou-os a 'agir e a ferir, já que assim lhes parecia'»).

Há nas *Vidas* uma procura de tocar o leitor, através do apelo à comisseração e ao horror⁹⁶. Provoca-se a simpatia pelo encarecimento da clemência para além do que se esperaria, de que é exemplo a comovedora reacção de Tito às conjuras do irmão (*Tit.* 9.3). Todos os factos que envolvem a morte imerecida deste imperador estão imbuídos de uma atmosfera de comoção. Pelo contrário, o carácter hediondo dos crimes de Tibério, Calígula, Nero e Domiciano gera indignação e horror. Neste caso, o *phobos* resulta, não tanto do facto de o leitor se identificar com a situação final do protagonista, mas de sentir que pode vir a encontrar-se subjugado a um imperador semelhante a estes — pelo que tal sentimento é purgado com a justiça restabelecida no momento da morte. O processo que leva à morte acentua a ligação ao todo de cada Vida. Como vimos, a morte de César, Calígula, Nero e Domiciano surge explicitamente na sequência de um crescendo no abuso da tirania que exaspera os súbditos (*Jul.* 76.1; *Cal.* 56.1; *Nero* 40.1; *Dom.* 14.1). Portanto, o biógrafo não pretende apenas *delectare*, mas também *mouere* e *docere*.

A própria organização em trilogia tem alguma relação com as tragédias, tais como se apresentavam aos festivais. Três ciclos constituem as *Vidas* dos Césares: o ciclo dos Júlio-Cláudios; o dos três efémeros imperadores do período de guerra civil que se seguiu a Nero; e o dos Flávios. O primeiro ciclo é constituído por seis *Vidas* — múltiplo de três —, o segundo e o terceiro por três. Em cada ciclo de *Vidas* há um momento ascendente que culmina no segundo elemento, moralmente melhor

⁹⁵ *Gal.* 20.1. Cf. Tácito, *Hist.* 1.41, e Plutarco, *Gal.* 27.1. As palavras enérgicas transmitidas pelas três fontes sublinham a atitude de vítima que se apresenta ao sacrificador. A expressão *hoc agerent* faz eco das palavras dos assassinos de Calígula (*Cal.* 58.2). MARTIN, R. 1991, 378-380.

⁹⁶ Cf. Aristóteles, *Po.* 1449b 27. Como afirma FIALHO, M. C. 1997, 380, "O *éleos kai phobos* que Aristóteles apresenta como objectivo a atingir no espectador pela tragédia, tal como a catarse, qualquer que seja a sua natureza, baseiam-se, afinal, nessa possibilidade de comunicação profunda espectador-acção dramática que o atinge e por que se sente afectado"; vide ainda n. 14 do mesmo artigo.

(Augusto, Otão, Tito) e um momento descendente, a sugerir progressão para a catástrofe no último elemento (Nero, Vitélio, Domiciano).

Os elementos trágicos pertenciam ao substrato cultural em que o erudito Suetónio se movia e seriam até lugares-comuns difíceis de evitar. Mas há, evidentemente, objecções à visão trágica da biografia suetoniana: o estilo desadornado, o realismo de situações sórdidas e o recurso à obscenidade — elementos que Tácito evitaria —, de modo especial na rubrica relativa à vida sexual dos imperadores. A obscenidade presente na citação de uma carta de António a Augusto (*Aug.* 69.2)⁹⁷ ou nas palavras e gestos de Calígula no trato com o tribuno Cássio Quérea (*Cal.* 56.2)⁹⁸ está de acordo com a tradição cómica.

O biógrafo serve-se, por vezes, da deformação cómica na caracterização de um imperador⁹⁹. Tal processo é visível na ascensão de Cláudio ao trono (*Cl.* 10), onde ressalta a inversão de papéis, que, aliás, se verifica em toda a vida deste imperador, sempre sujeito a seres de categoria inferior. Cláudio é apresentado como um *senex* de comédia, dominado pelas mulheres e pelos escravos, neste caso libertos¹⁰⁰. Verdadeiramente cómicos são os vários exemplos da *obliuio* e *inconsiderantia* deste imperador: convoca pessoas que mandara executar e a faz observações despropositadas e inconvenientes (*Cl.* 39-40). Pelo contrário, em Vespasiano a comichade é usada para favorecer a imagem do imperador: torna-se simpática ao leitor uma personagem que mantém o humor até à hora da

⁹⁷ *Scribit etiam ad ipsum haec familiariter adhuc necdum plane inimicus aut hostis: 'quid te mutauit? quod reginam in eo? uxor mea est? nunc coepi an abhinc annos nouem? Tu deinde solam Drusillam inis? ita ualeas, uti tu, hanc epistulam cum leges, non inieris Tertullam aut Terentillam aut Rufillam aut Saluiam Titiseniam aut omnes. An refert, ubi est in qua arrigas?'*

⁹⁸ *...quem Gaius seniore iam et mollem et effeminatum denotare omni probro consuerat et modo signum petenti 'Priapum' aut 'Venerem' dare, modo ex aliqua causa agenti gratias osculandam manum offerre formatam commotamque in obscaenum modum.*

⁹⁹ A comédia apresenta os homens piores do que eles são: cf. Aristóteles, *Po.* 1448a 17.

¹⁰⁰ Como sublinha, no seu com., GUASTELLA, G. 1999, 43: «A differenza del personaggio disegnato da Tacito o da Cassio Dione, il Claudio di Svetonio è senza dubbio una figura manifestamente ridicolizzata, le cui imprese spesso ricordano molto da vicino situazioni che si potrebbero riscontrare negli intrecci della *palliata* o del mimo».

morte (*Ves.* 23.4). De resto, o próprio Vespasiano usava o humor em seu benefício: para quebrar a tensão gerada pelas formas pouco populares de conseguir rendimentos (*Ves.* 23.1).

Mas também se podem fazer objecções a uma abordagem cômica das *Vidas*: o cômico não se coaduna com a majestade da função do príncipe; com o resultado funesto dos actos; com o derramamento de sangue. O facto de Cláudio ser imperador produz um efeito que está para além dos seus actos mais cômicos¹⁰¹. Assume contornos de tragicomédia uma anedota não atestada em outras fontes: Messalina e Narciso que combinam e conseguem a perdição de Ápio Silano, com base num sonho inventado, em que o senador atentava contra a vida de Cláudio. E, no final, o imperador enganado ainda agradece, no senado, a dedicação do libertos que até a dormir velava pela sua segurança (*Cl.* 37.2)¹⁰². Deste dolo cômico resulta a tragédia de Silano, que, inocente, se vê conduzido ao suplício.

O realismo, a obscenidade, o sangue em cena são situações que se aproximam mais do enredo de um género que teve ampla difusão no início do império e que retoma, entre outros, alguns argumentos da *palliata*: o mimo. Não é de excluir que Suetónio seja influenciado por um género tão popular e que parece ter afinidades com os objectivos do biógrafo¹⁰³. A sugestão do mimo figura algumas vezes nas *Vidas dos Césares*. No final da vida, Augusto pergunta se representou bem o *mimus uitae* (*Aug.* 99.1)¹⁰⁴. E o biógrafo classifica explicitamente determinadas cenas

¹⁰¹ Como afirma GUASTELLA, G. 1999, 43-44.

¹⁰² Há uma nítida semelhança com uma cena do *miles gloriosus* de Plauto, vv. 370-410: Palestrião, com base num suposto sonho de Filocomásio sobre o aparecimento de uma irmã gémea, convence o medroso Céledro de que não vira Filocomásio na casa do vizinho, mas a tal gémea. Como sublinha, no seu com., GUASTELLA, G. 1999, 9-10 e 33-34, desenvolvendo estes ingredientes, facilmente se poderia elaborar uma cena teatral centrada no engano de um *senex* pelas artimanhas de um *libertus fallax* e uma matrona (ou uma *meretrix*, dado o conceito que Suetónio tem de Messalina).

¹⁰³ Segundo DUPONT, F. 1985, 298, «L'existence de mimes à Rome, non seulement au théâtre mais dans plusieurs secteurs de la vie serait à elle seule l'objet d'une longue étude qui traverserait toute la civilisation romaine».

¹⁰⁴ Se aceitarmos a lição *mimum*, P²(Beroaldus), em vez de *mim(n)um* da ed. de IHM. Vide FORNARO, P. 1988, 155-167. Segundo NÉRAUDAU, J.-P. 1996, 42, o

como *mimi* — a assunção do poder por Tibério (*Tib.* 24.1)¹⁰⁵; as manobras militares orientadas por Calígula na campanha da Germânia (*Cal.* 45.2)¹⁰⁶; o trio amoroso que envolve Nero, Popeia e Otão (*Otho* 3.2)¹⁰⁷.

O arquimimo predominava, de um modo que se poderia dizer individualista, sobre os outros actores (*actores secundarum, tertiarum, quartarum partium*) — também nas *Vidas* predomina a figura do biografado e são omitidas personagens ou factos que lhe não digam directamente respeito¹⁰⁸. Das palavras de Augusto no leito de morte (*Aug.* 99.1)¹⁰⁹ se pode tirar a ilação de que o imperador representa, na *Vida*, o que o arquimimo representa na cena: o imperador é o arquimimo do *mimus uitae*. No funeral de Vespasiano, cabe ao arquimimo Fávoro o papel de representar o falecido imperador (*Ves.* 19.2).

argumento do mimo é a mitificação que Augusto assumiu através das histórias prodigiosas da sua vida.

¹⁰⁵ ... *diu tamen recusavit impudentissimo mimo*. Trata-se de uma conjectura de Gronovius por comparação com *Cal.* 45.2; *Otho* 3.2; os manuscritos apresentam *animo*.

¹⁰⁶ ... *in hoc quoque mimo praeter modum intemperans*.

¹⁰⁷ *Et satis visum, ne poena acrior mimum omnem divulgaret*.

¹⁰⁸ A narrativa de Suetónio, ao centrar-se na pessoa do imperador (o quase invariável sujeito gramatical), omite acontecimentos históricos importantes e silencia o contributo de grandes generais como Aulo Pláucio, Corbulão ou Agrícola. Na *Vida* de Augusto (*Aug.* 21.3), não se menciona o papel de Tibério no estabelecimento de Tigranes no trono da Arménia e na devolução dos estandartes subtraídos pelos Partos a Crasso e a Marco António; ao passo que, na *Vida* de Tibério, se verifica que é este o autor daqueles sucessos diplomáticos. De modo semelhante, é omitida na *Vida* de Augusto a responsabilidade de Tibério no processo de lesa-majestade contra Fânio Cepião (*Tib.* 8; cf. *Aug.* 18.1) e na inspecção das prisões dos escravos (*ergastula*), cujos donos eram suspeitos de escravizarem viajantes e refractários ao serviço militar (*Tib.* 8; cf. *Aug.* 32.1). O papel de Sejano é deliberadamente apagado e transferido para Tibério (*Tib.* 61.1) e o tão detestado prefeito do pretório (cf. Tácito, *Ann.* 49 ss) transforma-se em mais um vítima da crueldade do imperador (*Tib.* 65). Muitos outros exemplos se poderiam acrescentar.

¹⁰⁹ ... *petito speculo capillum sibi comi ac malas labantes corrigi praecepit et admissos amicos percontatus, 'ecquid iis uideretur mimum uitae commode transegisse', adiecit et clausulam*.

Suetónio tem em comum com o mimo o realismo. Foi de tal modo sangrenta a cena do mimo intitulado *Lauréolo*, que esta representação foi considerada um presságio da morte de Calígula (*Cal.* 57.4)¹¹⁰. O facto de o actor de mimos estar liberto da máscara permitia-lhe usar a expressão facial. Neste sentido se poderá entender o treino de expressões que Calígula, imperador com gosto pela pantomima, fazia em frente ao espelho (*Cal.* 50.1). O facto de Nero se apresentar em público descalço (*Nero* 51), poderá ser uma generalização de Suetónio a partir de um papel de mimo representado pelo imperador histrião¹¹¹. Com efeito, este imperador pensava dançar o *Turno* de Virgílio, se sobrevivesse à revolta da Gália (*Nero* 54).

O mimo tem como elemento principal a a imitação de pendor realista. Neste género, o conteúdo da mimese é a vida, no que ela encerra de lícito e ilícito¹¹², objecto que oferece clara semelhança com a biografia suetoniana. Ora a imitação dos factos torpes, no mimo, implica ou sugere uma condenação moral¹¹³. O arquimimo Fávior põe em evidência o principal defeito de Vespasiano — a *pecuniae cupiditas* (*Ves.* 19.2). Também nas *Vidas* suetonianas a apresentação dos factos vis tem implicações morais enquanto exemplificação dos *uitia*. Em conexão com o predomínio do arquimimo, aparece a tendência etológica ou etopeica para a representação de caracteres, como é o caso das *sententiae* presentes nos mimos de Publílio Siro¹¹⁴. Ora, através da organização *per species*, as vidas suetonianas subordinam as acções humanas (históricas ou anedóticas) à ilustração

¹¹⁰ O facto de no mimo *Lauréolo* os actores secundários subressaírem (*plures secundarum certatim experimentum artis darent, cruore scaena abundavit*), mostra também, como argutamente nota HURLEY, D. W. 1993, 206-207, que personagens de segunda categoria podem assumir papéis de destaque: Quérea, um subordinado, *primas sibi partes... poposcit* no assassinato de Calígula (*Cal.* 56.2).

¹¹¹ Se é que *planipes* significa actuar descalço. Poderá também indicar, realmente, que não era usado nem o coturno nem o soco, mas um calçado simples, com sola rasa.

¹¹² Segundo a definição de Diomedes, no séc. IV, (*Art. Gramm. Lib. III*, p. 491 Keil); vide GIANCOTTI, F. 1967 28; PANAYOTAKIS, C. 1995, xiii.

¹¹³ Vide GIANCOTTI, F. 1967, 27; 295; DUPONT, F. 1985, 298. PANAYOTAKIS, C. 1995, xvii, observa que em alguns mimos se encontram cenas de sádica crueldade e obscenidade vulgar e que noutros há máximas de grande elevação moral.

¹¹⁴ Vide GIANCOTTI, F. 1967, 34-35.

de vícios e virtudes, o que implica um juízo moral sobre o carácter do César¹¹⁵.

Um dos temas mais comuns do mimo é o sexo ou o amor, onde predomina, como típica, a obscenidade e o desafio às proibições: adultérios, homossexualidade, violência¹¹⁶ — elementos que abundam nas *Vidas dos Césares*. *Impudicitia* e prepotência sexual são características dos tiranos¹¹⁷, mas ao rol não escapam mesmo os imperadores considerados bons¹¹⁸. Algumas intrigas amorosas das *Vidas* assemelham-se a enredos de mimo. Cláudio, marido enganado, para afastar um suposto presságio, é levado a assinar as tabuinhas do dote do casamento de Messalina com o amante Sílio (*Cl.* 29.3)¹¹⁹. Picaresca e digna do *Satyricon* é a relação de Vitélio com

¹¹⁵ Alguns autores não concordam que o biógrafo expresse juízos morais: vide AILLOUD, H. 1931-1932, xxiii, n. 4, na intr. à sua ed. (contra os que acusam Suetónio de imoralidade, considera-o antes "amoral") e xxxii; TOWNEND, G. B. 1967, 92-93; e EKTOR, J. 1980, 48 317-326. A favor de uma moralidade em Suetónio, vide intr. ao com., BRADLEY, K. R. 1978, 14-15; GASCOU, J. 1984, 787-798; WALLACE-HADRILL, A. 1984, 167-168; GIUA, M. A. 1990, 536-543; LEWIS, R. G. 1991, 3653;

¹¹⁶ Cf. Ovídio, *Tr.* 2.497-498: *quid, si scripsissent mimos obscena iocantes, / qui semper uetiti crimen amoris habent?* Vide GIANCOTTI, F. 1967, 65 ss; FANTHAM, R. 1989, 157-158; PANAYOTAKIS, C. 1995, xvii.

¹¹⁷ Basta recordar, no tocante a Júlio César, a forma como se trata a relação com Nicomedes e os adultérios com mulheres ilustres e rainhas (*Jul.* 49-52); os incríveis horrores da pedofilia e sadismo para com o *minister* do sacrifício e o irmão; e o abuso de matronas, de que é exemplo o caso de Malónia, no que diz respeito a Tibério (*Tib.* 43-45); os incestos, *impudicitia* e adultérios de Calígula (*Cal.* 24; 36) e de Nero (*Nero* 28-29); o bordel que Calígula instalou no palácio para angariar dinheiro (*Cal.* 41.1); a preferência de Galba por homens (*Gal.* 22); a *libido nimia* e vil de Domiciano (*Dom.* 22), prostituído, na juventude, a Nerva (*Dom.* 1.1).

¹¹⁸ Não são menos graves os escândalos sexuais de Augusto (*uarrorum dedecorum infamia*) (*Aug.* 68-71.1). Vespasiano dorme a sesta na companhia de várias concubinas, que substituíram a defunta Cénis (*Ves.* 21); Tito tem preferência por favoritos e eunucos (*Tit.* 7.1); Otão é associado a Nero pelos *mutua stupra* (*Otho* 2.2); como Vitélio a Tibério, entre cujos favoritos passara a *pueritia primaque adulescentia* (*Vit.* 3.2); e só Cláudio é louvado por se abster de homens (*Cl.* 33).

¹¹⁹ Tácito, *Ann.* 11.27, fala do rito matrimonial, mas não sugere o envolvimento de Cláudio na assinatura do contrato. Segundo a *Historia Augusta* (*M. Aur.* 29) um mimo ridiculizava uma situação semelhante: a complacência de Marco Aurélio para com os amantes da imperatriz.

o liberto Asiático, com uma fiada de depravações, desentendimentos e reconciliações (*Vit.* 12). Nero celebra um casamento com o eunuco Esporo, com dote de véu nupcial (*Nero* 28.1)¹²⁰, e outro com Doríforo, em que o imperador faz de mulher, ao ponto de imitar (*imitatus*) os gemidos das virgens ao serem forçadas (*Nero* 29)¹²¹. Explicitamente classificado como mimo, o trio amoroso que envolve Nero, Otão e Popeia (*Otho* 3) explora o motivo do ciúme¹²², em que o mais fraco (Otão) acaba por ser afastado.

O grotesco e o ridículo, característicos do mimo¹²³, sobressaem nos retratos caricaturados de Calígula (*Cal.* 50.1)¹²⁴ e de Cláudio (*Cl.* 30)¹²⁵ e

¹²⁰ Este ritual tem sido visto como uma cerimónia de iniciação numa religião misteriosa: Esporo teria sido castrado, porque era servidor de Cibele. O *flammeum* é também o véu do iniciado. Quanto à cerimónia do casamento, talvez se tratasse, de facto, de uma iniciação, em que Esporo, pela sua união matrimonial com Mitra, acedia ao título de *nymphus*. Por outro lado, Dion Cássio, 63.13.1, fala da semelhança de Esporo com Popeia Sabina. Vide VERDIÈRE, R. 1975, 21-22; com. de BRADLEY, K. R. 1978, 161-162; CIZEK, E. 1982, 41; MARTIN, R. 1991, 171.

¹²¹ Este suposto casamento terá acontecido ao de Esporo, mas Suetónio considera mais grave a prostituição da *pudicitia* e, por isso, coloca no cúmulo da gradação o acto passivo do imperador. Crê-se que este Doríforo se identifique com o Pitágoras que figura no relato de Tácito, *Ann.* 15.37.4, imediatamente antes do incêndio de 64, altura em que Popeia dá uma filha a Nero. Ora o "casamento" com Esporo acontece entre a morte de Popeia, em 65, e a viagem de Nero à Grécia, em 66, em que o eunuco acompanha o imperador (*Nero* 28.1). Vide GALLIVAN, P. A. 1974, 309; VERDIÈRE, R. 1975, 17-19.

¹²² O marido ou amante ciumento é um motivo do mimo alexandrino: vide FANTHAM, R. 1989, 160.

¹²³ Vide PANAYOTAKIS, C. 1995, xv-xvi.

¹²⁴ *Statura fuit eminenti, colore expallido, corpore enormi, gracilitate maxima ceruicis et crurum, oculis et temporibus concauis, fronte lata et torua, capillo raro at circa uerticem nullo, hirsutus cetera. Quare transeunte eo prospicere ex superiore parte aut omnino quacumque de causa capram nominare criminosum et exitiale habebatur. Vultum uero natura horridum ac taetrum etiam ex industria efferabat componens ad speculum in omnem terrorem ac formidinem.*

¹²⁵ (...) *ceterum et ingredientem destituebant poplites minus firmi, et remissee quid uel serio agentem multa dehonestabant: risus indecens, ira turpior spumante rictu, umentibus naribus, praeterea linguae titubantia caputque cum semper tum in quantulocumque actu uel maxime tremulum.*

em muitos outros passos farsescos¹²⁶. Cláudio, dada a sua *stultitia* e a subordinação a pessoas de categoria inferior, desempenha o papel do *stupidus*, o *actor secundarum* do mimo que tem como correspondente, no mimo grego, o *moros phalakros*¹²⁷. Ora Cláudio é apelidado de *moros* (*Cl.* 38.3; *Nero* 33.1)¹²⁸. A verdade é que poucos acreditarão que o erudito Cláudio fosse o imbecil que Suetónio e Tácito sugerem. Mas certamente já o terão recebido assim das suas fontes. Séneca terá contribuído para reforçar esta imagem ao compor a *Apokolokyntosis*.

Certo é que o drama, rubrica importante nas *Vidas* e assunto de uma das monografias perdidas de Suetónio, parece estar continuamente ao

¹²⁶ Há vários exemplos de cómico farsesco, onde não faltam termos escatológicos e em que os imperadores se tornam verdadeiros bufões. Vitélio ostenta saciedade com um *ructus* (*Vit.* 7.3), o que está de acordo com a sua característica dominante: a gula destemperada e sórdida (*Vit.* 13.3). Calígula manda calar a vizinhança para não perturbar o descanso do seu cavalo *Incitatus*, a quem trata como um opulento cortesão e quer fazer cônsul (*Cal.* 55.3.); indica como senha *Venus* e *Priapus* e faz gestos obscenos quando apresenta a mão a beijar a Cássio Quérea (*Cal.* 56.2). Nero urina sobre a Deusa Síria (*Nero* 56). Vespasiano é atacado com nabos em África (*Ves.* 4.3), e lança um imposto sobre a urina, cuja colecta dá a cheirar ao filho Tito, para lhe demonstrar que não cheira à matéria de origem (*Ves.* 23.3). Domiciano fecha-se sozinho a caçar moscas com um estilete, de modo que, ao visitante que perguntou quem estava com o imperador, Víbio Crispo respondeu: *ne muscam quidem* (*Dom.* 3.1).

¹²⁷ Vide PANAYOTAKIS, C. 1995, xvii-xviii. Cláudio, no principado de Calígula, é objecto da troça dos bobos da corte (*Cl.* 8); quando se torna imperador, corre o boato de que pensa publicar um edicto a dar licença para a libertação de gases à mesa, depois de saber que um convidado tinha passado mal por se conter (*Cl.* 32); não abandona o tricínio senão empanturrado e encharcado em vinho e tinham de lhe aliviar o estômago enfiando-lhe uma pena na garganta (*Cl.* 33.1). São também relatados vários ditos e eventos sobre o medo e a desconfiança de Cláudio (*Cl.* 35-37). Ridícula é também a forma como o imperador salta do seu lugar e corre ao longo da margem do lago Fúcinio a coxear e a ameaçar os marinheiros que se recusam a combater (*Cl.* 21.6).

¹²⁸ DICKISON, S. K. 1977, 644, referindo-se ao texto de Tácito, afirma que a vida de Cláudio (as duas esposas e o envenenamento às mãos da segunda) apresenta uma notável semelhança com um enredo de mimo, o que era familiar para o público romano. Mas esta sentença pode-se aplicar com não menor propriedade ao texto de Suetónio.

longo das *Vidas dos Césares*. Se o elemento trágico era quase inevitável, dado o assunto das *Vidas* e a categoria das personagens, a presença do mimo será ainda mais natural devido ao contexto cultural e à diversidade de fontes usadas: relatos de natureza diversa, muitas vezes duvidosa, que podem ter sido contaminados por representações satíricas. A analogia de situações favorece a transposição. A história de Nero parece estar inquinada por influência dos papéis que o imperador encarnou no palco. Pode colocar-se a questão se muitos outros relatos das *Vidas* não terão sido, consciente ou inconscientemente, decalcados pelas fontes a partir de vulgares argumentos dramáticos.

Bibliografia:

- AILLOUD, H 1931-1932, *Suétone. Vie des douze Césars*, texte établi et traduit par —, vol. I-III, Paris, Les Belles-Lettres [usada a segunda ed.: 1989 (vol. I); 1993 (vol. II); 1980 (vol. III)].
- AMBROSIO, F. G. D' 1980 [1982], "End of the Flavians. The case for senatorial treason": *RIL* 232-241.
- ANTONELLI, G. 2001, *Caligola. Imperatore folle o principe inadeguato al ruolo assegnatogli dalla sorte?*, Roma, Newton & Compton.
- BALDWIN, B. 1979, "Nero and his mother's corpse": *Mnemosyne* 32 380-381.
— — — 1983, *Suetonius*. Amsterdam, Hakkert.
- BARTSCH, S. 1994, *Actors in the audience. Theatricality and doublespeak from Nero to Hadrian*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press.
- BRADLEY, K. R. 1978, *Suetonius' Life of Nero. An historical commentary*, Bruxelles, Latomus.
- BRANDÃO, J. L. 2002, "Rumores e escândalos nas *Vidas dos Césares* de Suetónio": *De Augusto a Adriano. Actas de Colóquio de Literatura Latina (Lisboa 2000. Novembro 29-30)*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos / Faculdade de Letras, 331-339.
- CANFORA, L. 2000, *Giulio Cesare. Il dittatore democratico*, Roma / Bari, Laterza (5ª ed.).
- CIZEK, E. 1977, *Structure et idéologie dans les Vies des douze Césars de Suétone*, Paris, Les Belles Lettres.
— — — 1982, *Néron*, Paris, Fayard.
- COLIN, J. 1954, "Les consuls du César-pharaon Caligula et l'héritage de Germanicus": *Latomus* 13 394-416.
- CROISILLE, J. M. 1970, "L'art de la composition chez Suétone d'après les *Vies* de Claude et de Néron": *AIIS* 2 73-87.
- DELLA CORTE, F. 1967, *Svetonio eques Romanus*, Firenze, La Nuova Italia.
- DICKISON, S. K. 1977, "Claudius: *Saturnalicus princeps*": *Latomus* 36 634-647.
- DUPONT, F. 1985, *L'acteur-roi ou le théâtre dans la Rome antique*, Paris, Les Belles Lettres.
- EKTOR, J. 1980, "L'impassibilité et l'objectivité de Suétone": *LEC* 48 317-326.
- FANTHAM, R. 1989, "Mime: the missing link in Roman literary history": *CW* 82 153-162.
- FIALHO, M. C. 1977, "Algumas considerações sobre o homem trágico": *Biblos* 53 375-388.
- FORNARO, P. 1988, "Una vita senza maschera, Suet. *Aug.* xcix, I": *CCC* 9 155-167.
- FOUCHER, A. 2000, "Nature et formes de l'"histoire tragique" à Rome": *Latomus* 59 773-801.
- FRAZER, R. M. 1966, "Nero the artist-criminal": *CJ* 62 17-20.
- GALLIVAN, P. A. 1974, "Suetonius and chronology in the *De vita Neronis*": *Historia* 23 297-318.
- GASCOU, J. 1984, *Suétone historien*, Paris, de Boccard.
- GIANCOTTI, F. 1967, *Mimo e gnome. Studio su Decimo Laberio e Publio Siro*, Firenze, Anna.
- GIUA, M. A. 1990, "Aspetti della biografia latina del primo impero": *RSI* 12 535-559.
- GILLIS, J. 1974, "Caligula. De Suétone à Camus": *LEC* 42 393-403.
- GUASTELLA, G. 1992, *Gaio Svetonio Tranquillo, La vita di Caligola*, [testo, trad. e comm.] a cura di —, Roma, La Nuova Italia Scientifica.
— — — 1999, *Gaio Svetonio Tranquillo. L'imperatore Claudio*, a cura di —, Venezia, Marsilio.
- HOLSON, P. 1976, "Nero and the fire of Rome: Fact and fiction": *Pegasus* 19 37-44.
- HURLEY, D. W. 1993, *An historical and historiographical commentary on Suetonius' Life of C. Caligula*, Atlanta, Scholars Pr.

- JONES, B. W. 1996, *Suetonius. Domitian*, ed. with intr., com. and bibl. by —, London, Bristol Classical Press.
- JONES, B. & MILNS, R. 2002, *Suetonius: the Flavian emperors, a historical commentary*, London, Bristol Classical Press.
- LAMBRECHTS, P. 1953, "Caligula dictateur littéraire" : *BIBR* 28 219-232.
- LEVI, M. A. 1954, "La clemenza di Tito" : *PP* 9 288-293.
- LEWIS, R. G. 1991, "Suetonius' *Caesares* and their literary antecedents" : *ANRW* II, 33,5 3623-3674.
- LINDSAY, H. 1995, *Suetonius, Tiberius* edited with intr., com. and Bibliography by —, London, Bristol Classical Press.
- MALISSARD, A. 1990, "Tacite et le théâtre ou la mort en scène" : *Theater un Gesellschaft im Imperium Romanum / Théâtre et société dans l'empire romain*, hrsg. von Jürgen Blänsdorf in Verb. mit Jean-Marie André u. Nicole Fick. Tübingen, Francke, 213-222.
- MARTIN, R. 1991, *Les douze Césars: du mythe à la réalité*, Paris, Les Belles Lettres.
- MARTINET, H. C. 1981, *Suetonius Tranquillus, Divus Titus; Kommentar*, Königstein, Hain.
- MOTTERSHEAD, J. 1986, *Suetonius Claudius*, ed. with intr. and com. by —, Bristol, Bristol Classical Press.
- NERAUDAU, J. P. 1996, *Auguste. La brique e le marbre*, Paris, Les Belles Lettres.
- 1988, "Sur un rituel archaïque d'expulsion redécouvert par Caligula" : *Hommages à Henri le Bonniec. Res sacrae*, publ. par PORTE, D. & NERAUDAU J. P., Bruxelles, Latomus, 324-341.
- PANAYOTAKIS, C. 1995, *Theatrum Arbitri. Theatrical elements in the Satyrca of Petronius*, Leiden / New York / Köln, Brill.
- PENNACINI, A. 1985, "Strutture retoriche nelle biografie di Svetonio" : *Retorica e storia nella cultura classica*, a cura di PENNACINI, A., Bologna, Pitagora, 81-88.
- ROLFE, J. C. 1913-1914, *Suetonius, I e II*. The Loeb Classical Library (reimpr. de 1979) Cambridge (Mass.), Harvard University Press / London, Heinemann.
- SIMPSON, C. J. 1987, "The birth of Claudius and the date of dedication of the *altar Romae et Augusto* at Lyon" : *Latomus* 46 586-592.
- STRAUSS, W. A. 1951, "Albert Camus' *Caligula*. Ancient sources and modern paralels" : *CompLit* 3 160-173.

- TAGLIASACHI, A. M. 1960, "Plutarco e la tragedia greca" : *Dioniso* 34 125-142.
- TOWNEND, G. B. 1967, "Suetonius and his influence" : *Latin biography* ed. by DOREY, T. A., London, Routledge & Kegan Paul, 79-111.
- ULLMAN, B. L. 1942, "History and tragedy" : *TAPhA* 73 25-53.
- VENINI, P. 1974, "Sulle *Vite* suetoniane di Galba, Otone e Vitellio" : *RIL* 108 991-1014.
- 1977, *C. Svetonio Tranquillo. Vite di Galba, Ottone, Vitellio*, con comm. di —, Torino, Paravia.
- VERDIERE, R. 1975, "À verser au dossier sexuel de Néron" : *PP* 30 5-22.
- VEYNE, P. 1983, "Le folklore à Rome et les droits de la conscience publique sur la conduite individuelle" : *Latomus* 42 3-30.
- WALLACE-HADRILL, A. 1984, *Suetonius. The scholar and his Caesars*, New Haven (Conn.) Yale Univ. Pr.
- WANKENNE, J. 1981, "Faut-il réhabiliter l'empereur Néron ?" : *LEC* 49 135-152.
- WARDLE, D. 1994, *Suetonius' Life of Caligula. A commentary*, Bruxelles, Latomus.
- WARMINGTON, B. H. 1999, *Suetonius Nero*, text, with intr. & notes by —, Bristol Class. Pr. (2^a ed.).
- WISEMAN, T. P. 1978, *Roman drama and Roman history*, University of Exeter Press.